

O LEGADO DE GILBERTO FREYRE E O DESAFIO DA DEMOCRACIA

Dirceu Pessoa

A repercussão do falecimento de Gilberto Freyre em todo o território nacional reflete, de alguma forma, o quanto terá calado na alma brasileira toda uma vida e uma obra ligadas à interpretação de nossa sociedade por parte do autor de *Casa-Grande & Senzala*.

O que terá calado mais fundo, da variada e notável contribuição de Gilberto Freyre? Qual é o seu principal legado ao patrimônio nacional? Poderiam ser suas qualidades de escritor fértil, seu estilo agradável, sua arte de combinar palavras e espriar pistas e derivações múltiplas no discorrer fluente de suas longas frases. Poderia ser a originalidade de uma sociologia e uma antropologia capazes de combinar métodos e técnicas transpostos da Universidade de Colúmbia ou de onde fosse, à arte da observação empírica, freqüentemente de aparentes trivialidades, para delas extrair audaciosas sínteses. Poderia ser sua contribuição ao desenvolvimento das ciências sociais através da criação de instituições do porte da Fundação Joaquim Nabuco, do Seminário de Tropicologia e da recém-nascida Fundação Gilberto Freyre.

Para além dessas contribuições e em que pese o caráter controvertido de determinadas opções políticas em momentos críticos da vida nacional, o que me parece ter sido a chave do sucesso de Gilberto Freyre é sobretudo o caráter de oportunidade de sua obra. Da mesma forma que, no dizer de Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre gostava tanto de elogios como as crianças gostavam de bombons, a sociedade brasileira se embeveceu do retrato que dela lhe pintou Gilberto Freyre.

Ao estereótipo brasileiro do português anedótico contrapôs as virtudes de um colonizador notável, responsável pela fundação e o desenvolvimento de grande e estável colônia agrícola nos trópicos, em oposição às turbulentas imigrações castelhanas.

À vergonha da condição tropical diante dos valores do Norte Temperado, estampada nas inúmeras manifestações tipo papais-noéis na neve em pleno verão brasileiro, contrapôs o elogio da civilização, cujo estudo erigiu em proposta de uma nova disciplina: o "tropicalismo" a que denominou depois de "Tropicologia", tendo por objeto o estudo do homem situado nos trópicos.

Ao complexo de inferioridade do brasileiro mestiço em face da branquitude de seus grandes vizinhos, do norte como do sul, contrapôs as delícias, conquanto também as conseqüências sífilíticas, de uma suruba intercontinental, inter-racial, resultando na formação, pela poligamia e pela miscigenação — já que era escasso o número de europeus — de uma grande sociedade híbrida, responsável pelo que chamou de "processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo".

O retrato do Brasil traçado há pouco mais de 50 anos em *Casa-Grande & Senzala* terá exercido, sem dúvida, um papel fundamental na imaginação e na modelagem deste último meio século de nossa história, um período extremamente rico, em que nosso país emergiu da condição de um dos mais extensos e atrasados rincões do planeta para se transformar em uma das maiores economias mundiais.

Contrapondo-se a essa *performance* o Brasil se incluiu também nos primeiros lugares em matéria de concentração da propriedade da terra, da renda e da riqueza, responsável pela condição de extrema pobreza em que jaz a maioria da população e responsável também, sem dúvida, no plano político, pela evidente primazia do autoritarismo em todo esse período.

A modelagem colonial sintetizada em *Casa-Grande & Senzala* no tripé do latifúndio, da monocultura de exportação e do trabalho escravo plantou bem fundo entre nós as sementes da concentração e do autoritarismo cujos frutos estamos a colher.

A procura dos rumos da democracia em que se encontra embrenhada hoje toda a sociedade brasileira terá de se deslocar mais longe das filigranas do debate da superestrutura do parlamentarismo *versus* presidencialismo para plantar logo a semente alternativa que não seja a da Casa-Grande nem a da Senzala mas a da cidadania, uma semente que no nascedouro rural da sociedade brasileira tem hoje um nome muito preciso: a Reforma Agrária.